

X CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

sociedades desiguais
e paradigmas em confronto



Volume VII

Desigualdades, Estado e sistemas políticos:
Classes e movimentos sociais, migrações e etnicidades

Manuel Carlos Silva et al. (orgs)
Centro de Investigação em Ciências Sociais (ed)
Instituto de Ciências Sociais
Universidade do Minho

Desigualdades, Estado e sistemas políticos:

**Classes e movimentos sociais, migrações e
etnicidades**

Índice

Sindicalismo, movimentos sociais e cidadania	1
Práxis educativa e libertação do ser humano: as CEBs como movimento social	1
Movimentos Sociais na Amazônia Brasileira: vinte anos sem Chico Mendes	9
Caso Chico Mendes: as fontes que contam a história.....	19
Identidade e Modernização como modelos de políticas culturais	27
Os movimentos das mulheres quebradeiras de coco babaçu no Maranhão	37
Desagregação do sistema coletivo de trabalho e produção no assentamento Carlos Mariguela-RS: um estudo de caso	47
Mulheres negras brasileiras, que militância é essa?	54
História política dos trabalhadores em educação do Estado de Minas Gerais/ Brasil narrada por líderes sindicais: 30 anos através das vozes do sindicato	65
A nova “Internacional Operária”: rumo a uma “sociedade laboral global”?	73
A Centralidade do Trabalho no Processo de Construção da Identidade: Um Estudo com Membros do Movimento dos Trabalhadores Desempregados	79
Discursos de político(a)s e não-político(a)s sobre o défice de género na política e as medidas de acção positiva.....	89
O empoderamento de mulheres através da inclusão digital.....	98
Cidadania e cultura política no Brasil	108
Entre o movimento e o sindicato: mobilização, socialização e representação política das mulheres trabalhadoras rurais no nordeste do Brasil.....	113
Movimentos Sociais: continuidades e rupturas na construção epistemológica do passado	121
Política de género: Um dispositivo da atividade sindical da Central Única dos Trabalhadores (CUT)/ Brasil	126
Memória sindical rural brasileira	138
Inserção profissional de mulheres negras no trabalho do setor financeiro: possibilidades de resistência em tempos de crise do sindicalismo	143
A emergência dos "agricultores familiares" como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo	148
Conflitos Sociais Ameaçam as Extrativistas da Mangaba no Nordeste e Norte do Brasil.....	158
Movimentos sociais no campo: novos sujeitos, novas manifestações	165
Estado, Educação e Movimentos sociais do campo: Luta social pela educação do campo no Brasil.....	171
Filiação partidária/rebelião/fermentação biológica: pistas para análises sobre a participação dos estudantes na política estudantil.	179
A missão divina na formação da resistência: a participação da Igreja Católica na criação e atuação do MST e a mística do Movimento como elemento agregador identitário.	182
Continuidades e discontinuidades nas políticas de saúde: atuação e estratégias das instituições jurídicas no Brasil.....	189
Estruturas de Oportunidades, Processos Políticos e Engajamento Individual no Movimento Ambientalista.....	200
Associativismo e auto-realização: um estudo de caso sobre uma associação de moradoras da Vila Pinto de Porto Alegre (Brasil)	210
Relações comerciais numa economia globalizada: notas de uma organização de Comércio Justo	214
A Exclusão Social Expressa no Cotidiano do Movimento Social	223
Quando os movimentos sociais e os coletivos diversos indagam a educação	228
O Ministério Público como mediador no processo de desinstitucionalização da saúde mental.....	232
Democracia direta e cidadania: Um estudo de caso sobre o orçamento participativo em Guarulhos*	236
Globalização e relações laborais em Portugal: Uma intervenção sociológica nos sectores têxtil, automóvel, bancário, telecomunicações e hotelaria e restauração	250
A Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP): o discurso dessas centrais sobre a precarização do trabalho em 2007, diante do processo de globalização	265
Tempo de trabalho e ação sindical no Brasil: a Central Única dos Trabalhadores e a expansão do tempo de trabalho na escala do ciclo de vida.....	276
A Crise do Sindicalismo Brasileiro: o desmonte das lutas sindicais.	282
Estratificação, classes e desigualdades sociais.....	288
Desigualdade sócioespacial e violência urbana na Região Metropolitana da Grande Vitória- Espírito Santo /Brasil.....	288
Repensando a pobreza, a segregação e a constituição de hierarquias sociais a partir da análise dos processos sócio-políticos e espaciais que marcam uma área periférica da cidade do Rio de Janeiro	298
Comparando estruturas sociais em duas metrópoles brasileiras	310

Homens duros, vidas frágeis. Uma etnografia da experiência do trabalho migrante na construção civil em Espanha.....	322
Um objecto em vias de extinção. O resgate teórico-etnográfico da cultura e do trajecto sócio-histórico do operariado agrícola alentejano (1926-1974).....	329
Desigualdades sociais frente ao sucesso escolar	341
“Doutores”, porém “não-cidadãos”: trajetórias de estudantes favelizados inseridos no ensino superior.....	349
La Reproducción de la desigualdad intergeneracional y nuevas formas de exclusión social producto del Diseño Político del Sistema Educativo Chileno.....	364
Os contornos da desigualdade social desde as representações da desigualdade educacional: impactos das políticas públicas nos modos de representação.....	375
As políticas sociais de reconhecimento: possibilidades e limites no enfrentamento das desigualdades sociais	382
O Estigma na doença mental: A construção de estereótipos através do cinema.....	387
A Diferença e a Desigualdade: reflexões teóricas sobre o estranhamento social	397
Urbanização desigual e desigualdade nacional: um descaminho no processo do desenvolvimento brasileiro	404
A (im)possível convergência entre desigualdades diferentes	411
Política previdenciária no Brasil - desigualdade de benefícios no regime geral - seleção pela pobreza.....	421
Novas Formas De Pensar a Pobreza Na América Latina: O Modelo AVEO	426
Política de cotas e o Programa Bolsa Família: análise dos impactos na desigualdade social brasileira e efeitos adversos: uma perspectiva comparada	431
Rendimento mínimo universal: uma via para a emancipação?.....	439
Caracterização dos assentamentos rurais da região de Andradina, São Paulo, Brasil	445
O aumento da mobilidade individual e o agravamento da exclusão social nos territórios periféricos da cidade de Braga	456
Trabalho e educação de jovens e adultos no Brasil	464
A interpretação ideológica de um jornal impresso brasileiro sobre a categoria “meninos de rua”	471
Gilberto Freyre e Florestan Fernandes; um debate sobre a democracia racial.....	484
Novas Perspectivas sobre as Identidades de Classe	490
Gênero, família e pobreza: questionando os estereótipos sobre as famílias monoparentais femininas no Brasil	497
Gap de renda de gênero no Brasil e a mulher no mercado de trabalho: mudanças e continuidades	505
Acesso a Internet: Os lugares de gênero na família.....	516
Identidade, etnicidade e racismo.....	525
Emergir para existir: novas práticas políticas e pedagógicas do Movimento Negro brasileiro em prol da diversidade étnico-racial	525
Conflitos Étnicos Que Influenciam A Auto-Estima do Aluno Negro	531
A Metamorfose de militantes negros em negros intelectuais	533
Etnicidades e Estado nacional	547
Arrogância e isolamento: a política colonial de Carl Peters	551
Identidades, etnicidade e racismo entre imigrantes	559
Os apontamentos teóricos da diversidade e a vivência da diversidade étnica, linguística, cultural e racial no Brasil a partir da presença angolana	564
Jogos de memória e performance entre os Maracatus-Nação em Recife.....	569
Black Group Identity and Vote Choice in Brazil	575
"Portugal é agora um país multicultural": diversidade etno-racial e educação.....	583
Corrida de obstáculos: trajetórias de estudantes negros em uma universidade brasileira	589
Identidade étnico-racial em contexto lúdico: um jogo de cartas marcadas?.....	594
A experiência do núcleo de estudos afro-brasileiros da UFES: construindo possíveis no campo do trabalho educativo anti-racismo	605
A Aprendizagem dialógica e suas contribuições para a construção das identidades das crianças negras.....	614
Roger Bastide: vertigem e abismo	617
Racismo e Ciências Sociais em Portugal; um balanço da última década	629
Os Conceitos de identidade e de diversidade em diferentes perspectivas	634
“O valoroso colono italiano”: representações sobre a positividade étnica e a superioridade racial nas comemorações dos cinquenta anos da imigração italiana no sul do Brasil.....	643
Viagem pela África através da arte: ressignificando as relações étnico-raciais na escola	651
Mulheres imigrantes brasileiras em Portugal - trajetórias e projectos de vida.....	659

Imigrantes africanos dos PALOP e negros brasileiros: a identidade étnica construída na imprensa de Portugal e do Brasil.....	667
Produção social da etnicidade no processo de inserção social: o caso dos africanos dos PALOP no Distrito de Braga.....	673
Identidade cigana: impacto de trajectos de mobilidade social.....	680
Reconfigurações identitárias de Imigrantes em Portugal	692
Construindo projectos de cidadania activa: uma análise às trajectórias associativas de descendentes de imigrantes em Portugal.....	699
Multiculturalismo, Globalización y fenómeno migratorio	705
Os jogos de futebol “preto vs branco” e os dilemas do início da república: construindo a “civilização brasileira”, afirmando as “identidades raciais”	713
Identidades Plurais evidenciadas nos espaços das feiras livres luso-afro-brasileiras	718
Identidades e diferenças transnacionais: reflexões sobre a esgrima japonesa no Brasil	720
Iemanjá é da elite?.....	728
A Pequena África de Tia Ciata: etnia e território no Rio de Janeiro 1870/1945	731
Contexto escolar e processos de discriminação racial: um estudo a partir das aulas de educação física	737
Portugal, a Europa e o império: contorções identitárias	744
Consciência histórica: um diálogo entre países.....	750
Ideias de alunos cabo-verdianos e portugueses sobre identidade e interculturalidade – estudos em significância histórica.....	758
Construindo identidades: ideias de jovens no contexto de actividades educativas relacionadas com o património histórico	769
As crianças quilombolas de Mato Grosso do Sul/Brasil e suas vivências lúdicas: relatos orais e imagens.....	778
Reconhecimento étnico da comunidade de Bastiões: rumores e conflitos	790
Identidade, reconhecimento e auto-estima: As experiências dos remanescentes do quilombo de Tijuáçu- BA – Brasil.....	798
Visibilidade da Tradição: uma análise da comunidade negra remanescente do quilombo de São José da Serra (1997-2007)	806
Afro-Brasileiro, natureza e a luta fundiária das comunidades quilombolas	809
Diversidade e esfera pública: conexões possíveis	815
Prática docente de professoras negras acerca da questão étnico-racial: a "visão" de ex-alunos	825
Desigualdades Étnico-Raciais, Processos de Mediação e Dinâmicas Identitárias.....	837
A construção da imagem dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa portuguesa.....	848
Exotismos e tropicalização: a identidade brasileira em Portugal.....	857
As representações do imigrante brasileiro no jornalismo impresso local: estudo de caso entre Braga (Portugal) e Trento (Itália).....	862
"Nós" e "eles": percepções e representações entre portugueses (não)ciganos e ciganos: estudo de caso em três bairros (peri)urbanos de Braga.....	879
Delinquência juvenil e comunicação intergrupala	889
Memoria e construção de identidade em uma comunidade de descendentes de escravos no Pará, Brasil.....	894
A população negra em Londrina: invisibilidade, cultura e resistência	904
Dois Olhares, duas Perspectivas Históricas: como se viam os Índios no Séc. XVI e como se veem de finais do Séc. XX aos nossos dias	910
O Padre Gama	910
Devir negro: uma proposta anti-racista no Brasil.....	919
Contextualizando os Territórios Negros e a Segregação Racial em São Paulo:	921
o pós-abolição, o mundo urbano industrial e a globalização	921
Movimento Negro e suas Pedagogias Multirraciais	929
Direitos humanos e a experiência do observatório dos direitos indígenas no Ceará, Brasil.....	940
Imigrantes africanos dos PALOP e negros brasileiros: identidade étnica construída na imprensa de Portugal e do Brasil.....	950
Expressar, classificar, publicar: a escrita como forma de resistência e expressão cultural entre descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil).....	956
O polonês no Paraná (Brasil): revisitando um preconceito	961
“Lugar de negro é na cozinha do RU”. Cientistas sociais, questão racial, ações afirmativas e terror acadêmico.....	972

Políticas sociais (afirmativas) e universidade: a reserva de vagas na Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES.....	986
Programa de ações afirmativas no ensino superior, acesso e permanência com reserva de vagas social e étnico-racial.....	999
Reconhecimento, capital social e ação afirmativa no Brasil.....	1002
O discurso de mulheres afro-descendentes sobre o sistema de cotas no Brasil.....	1009
Programa de reflexões e debates para a consciência negra: uma experiência da Lei 10.639/03.....	1014
Racismo, infância e espaço escolar.....	1024
Trajetórias escolares de jovens negros brasileiros entre as desigualdades e o racismo.....	1029
Discursos e representações sobre relações étnico-raciais nos manuais escolares em países de língua portuguesa.....	1036
A presença de jovens negros na educação de jovens e adultos: herança de desigualdades educacionais e raciais no Brasil contemporâneo e/ou conquista de um direito?.....	1046
Relações étnico-raciais no Brasil e formação acadêmica – uma experiência de debate.....	1054
Novos regimes de cidadania e reconhecimento de direitos culturais: será a política de educação intercultural uma ameaça?.....	1062
Raça, classe, políticas de ação afirmativa e cotas na educação superior brasileira.....	1068
As cotas universitárias para negros no Brasil e o caso de Londrina.....	1077
Desafio das demandas por direitos étnico-raciais no contexto das políticas governamentais amazônicas: o caso do estado do Pará/Brasil.....	1084
Pontão de Cultura do Jongô/Caxambu: ação coletiva e identidade negra em comunidades tradicionais.....	1094
Jongô, Patrimônio Imaterial e Identidade Negra.....	1101
Organização Comunitária em Territórios Jongueiros.....	1110
O sentido hegemônico das políticas culturais identitárias na Amazônia contemporânea.....	1118
Territórios e Territorialidade: Os Clubes Negros em Santa Catarina e a Formação das Cidades na Região Carbonífera no Sul do Estado.....	1125
O processo da denúncia e não-denúncia: mulheres negras em vivência de violência doméstica.....	1128
Mulheres Negras nas Ruas de Salvador no Século XIX.....	1134
Raça e identidade nacional em Os sertões de Euclides da Cunha.....	1140
Uma reflexão sobre a construção cultural das identidades coletivas - gênero, etnia e classe.....	1144
Migrações, exílios e diásporas.....	1151
Para a construção do perfil e trajecto dos Músicos Imigrantes Cabo-Verdianos na Área Metropolitana de Lisboa.....	1151
Sonoridades de afirmação: os filhos de cabo-verdianos em Portugal.....	1172
Sociopatias Migratórias- Banzo da Pós- Modernidade? Mitos e Realidades.....	1181
Acesso formal aos espaços políticos no contexto local: eleitores e eleitos nos municípios e freguesias portuguesas.....	1191
Os Desafios da paz: Processo de Integração Social de Mulheres que Participaram na Guerra Civil de Angola.....	1200
Procurando entrar na fortaleza da terra prometida: translocalização da intimidade e mobilidade migratória do nordeste brasileiro para a Europa.....	1209
Uso de los Medios de Comunicación y Prácticas Culturales de los Magrebies en Catalunya.....	1217
e Resiliência: dos usos e consumos mediáticos entre imigrantes dos países africanos de língua portuguesa (PALOP) e seus descendentes em Portugal.....	1230
Os meios de comunicação e a construção da União Européia e do Mercosul como espaços de integração: percepções de migrantes latino-americanos e europeus.....	1244
Deslocamentos e vivências familiares de portugueses e luso-africanos.....	1253
O retorno nas migrações forçadas: factos e mitos.....	1259
Experiência do exílio de órfãos camponeses; cotidiano, resistência e retorno a terra da tradição.....	1271
As Dimensões Territoriais dos Nordestinos na Amazônia.....	1278
Diálogo e Urbanidade Intercultural - O Imigrante, os Outros e o Espaço.....	1292
Lendo nas entrelinhas: grupos indígenas e negros no sertão baiano (Séc. XVII ao XIX).....	1299
Cidades da cidade.Migração e desigualdades sócio-espaciais em São Luís do Maranhão.....	1307
Nas fronteiras do pertencimento: da Quinta do Silêncio à Brasilândia. A constituição de um espaço brasileiro em Portugal.....	1314
A dimensão política do refúgio. Uma análise dos ativistas políticos da Casa do Povo (1940-1960).....	1320
A imigração síria e libanesa no sul da Bahia/ Brasil.....	1329
Transmigrantes.....	1338
Cidadania transnacional entre imigrantes sul-americanos em São Paulo.....	1344

Aproximações Teóricas e Empíricas. As Redes de capoeira em Madrid (Espanha)	1350
Migrações científicas: experiências de partida e retorno dos investigadores portugueses.....	1362
O brain drain associado aos migrantes universitários cabo-verdianos	1369
Do colono imigrante ao emigrante colonizador: o caso dos poloneses no Paraná (Brasil), 1870-1920.....	1382
Histórias de migração - imaginando a capital	1388
Raízes italianas na Amazônia Brasileira: fluxos migratórios do final do século XIX ao início do século XX.....	1401
Vidas em Português: Luso-tropicalismo, Lusofonia e poder no contexto imigratório em Portugal	1412
‘América’ e seus conceitos: formações, mudanças e perspectivas	1423
A imagem do sujeito diaspórico em “Árido Movie”e “Essa Terra”	1430
O sonho de voltar rápido do Japão para viver no Brasil agora é uma utopia: os nikkeis do Brasil no	1434
Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: os imigrantes japoneses e a DOPS.....	1442
Imigração retorno e retorno do reprimido	1453
Migrações temporárias do Nordeste para o Sudeste do Brasil: Trabalhadore/as do Piauí para a agroindústria canaveira de São Paulo	1459
Estudo de caracterização da população estrangeira, com estatuto legal, residente na freguesia de Almancil	1473
Redes sociais e acesso ao Mercado de trabalho dos jovens originários dos PALOP em Portugal	1481
Imigrantes, Minorias Étnicas e Autarquias - A (in)visibilidade institucional das políticas de integração social.....	1489
Estrangeiros na Metrópole de São Paulo: vínculos e rupturas.....	1500
Imigrantes cristãos ortodoxos sírio-libaneses na cidade de São Paulo – religião e identidade.....	1514
Usos e imginários e imaginários mediáticos transnacionais nos processos de cidadania de migrantes em Porto Alegre e Barcelona.....	1521
Saberes e fazeres africanos e da diáspora.....	1534
Nação, Estado e sistemas políticos.....	1539
Intelectuais ibgeanos: quesito raça/ cor e o projeto de nação e modernização brasileira (1936-1960).....	1539
A desvinculação religiosa na instauração do Estado moderno e as suas metamorfoses na contemporaneidade.....	1548
A República brasileira também desterra: legislação, ordem e suas práticas – o caso de 1892	1553
ProTagonismo Feminino nas Eleições Multipartidárias Cabo-Verdianas	1561
Institucionalização dos Sistemas Partidários na África Lusófona. O caso Cabo-Verdiano.....	1568
Francisco Campos e os fundamentos do constitucionalismo antiliberal no Brasil	1580
Poder Local, Política e Cidadania*	1593
Mudar para não mudar: políticas públicas e pobreza no sertão semi-árido do Ceará - Brasil	1600
Corporativismo e família:tradição luso-brasileira no marco da Representação Complexa	1612
Gisele Silva Araújo	1612
Senhores e escravos na justiça do Brasil imperial.....	1620
O espelho fraterno e o paradigma do republicanismo: Portugal-Brasil, 1889-1910	1632

Mulheres imigrantes brasileiras em Portugal - trajectórias e projectos de vida

Joana Miranda
Universidade Aberta/CEMRI
joana@univ-ab.pt

Resumo: A intensificação dos fluxos migratórios que se tem verificado nos últimos anos tendo Portugal por destino tem estimulado a investigação sobre as diferentes comunidades de migrantes residentes no país. O estudo destas comunidades tem privilegiado as dimensões económicas e sociais, tendo a dimensão psicológica estado algo omissa da agenda de investigação. As comunidades têm também sido estudadas como um todo não tendo a maioria dos estudos incidido sobre as mulheres migrantes em particular. Esta comunicação pretende apresentar os resultados do projecto Mulheres imigrantes em Portugal - Memórias, dificuldades de integração e projectos de vida financiado pelo ACIDI e que teve por alvo mulheres migrantes de três comunidades que se encontram entre as mais representativas no país: Brasileiras, Cabo-verdianas e Ucrainianas. Apenas nos centraremos nos resultados relativos às mulheres Brasileiras. O projecto procurou reconstituir as suas memórias e identidades, as dificuldades que sentem na habitualmente denominada sociedade de acolhimento bem como os seus projectos de vida, tendo os dados sido obtidos através de entrevistas semi-directivas.

Nota introdutória

Neste texto procura-se apresentar alguns dos mais relevantes resultados encontrados no âmbito do projecto *Mulheres Migrantes em Portugal. Memórias, dificuldades de integração e projectos de vida*. Este projecto, desenvolvido em 2008 com o apoio do ACIDI encontra-se neste momento em fase de conclusão.

O estudo das migrações não tem contemplado uma perspectiva de género, assumindo que as características das migrações masculinas se podem generalizar a todo o universo populacional. Este estudo procurou colmatar essa lacuna analisando três eixos fundamentais da vida de mulheres migrantes em Portugal - memórias do passado, dificuldades de integração e projectos de futuro. Entendemos por mulheres migrantes, mulheres que nasceram noutros países e que, num dado momento das suas vidas, imigraram para Portugal (tendo ou não adquirido a nacionalidade portuguesa), não tendo analisado nenhum caso da denominada "segunda geração".

O projecto envolveu a realização de entrevistas semi-directivas a vinte e quatro mulheres migrantes dos três grupos migrantes que actualmente apresentam uma maior dimensão em Portugal: Cabo-verdianos, Brasileiros e Ucrainianos. Estes grupos são testemunhas de diferentes vagas de imigração para o nosso país e de diferentes modos de inserção na economia e na sociedade portuguesa, sendo a comunidade cabo-verdiana a que está há mais anos implantada no nosso país e a ucraniana a mais recente, particularmente significativa a partir da década de noventa.

Delimitaremos a nossa exposição aos resultados encontrados relativamente à comunidade brasileira.¹

1. Breve contextualização teórica

1.1. Uma imigração no feminino

Durante muito tempo o imigrante típico foi perspectivado como homem e até há três décadas atrás a migração feminina era alvo de pouca atenção (Casas & Garson, 2005: 2). Tal aconteceu porque predominava um modelo de família patriarcal que perspectivava as mulheres como dependentes dos homens, chefes de família e responsáveis pelo sustento do lar (Morokvasic, 1984). Até ao final da década de sessenta as mulheres não predominavam no mercado de trabalho e o discurso académico em diversos domínios do saber, nomeadamente na economia, na sociologia e na história (Borderías & Carrasco, 1984) veiculava a imagem de que as mulheres eram economicamente inactivas, o que por seu lado influenciava as teorias migratórias.

A análise dessas teorias, quer do ponto de vista das decisões racionais dos indivíduos (perspectivas neo-clássicas) quer do ponto de vista dos factores macro-estruturais subjacentes às migrações coincidem em salientar o papel dos homens migrantes como fonte de trabalho - trabalhadores e actores económicos - e negligenciam o papel desempenhado pelas mulheres. As mulheres eram renegadas para o espaço privado da casa e a sua contribuição económica para a sociedade era largamente ignorada (Oso & Catarino, 1996).

Zlotnik (2003) salienta que as estatísticas também contribuíam para a invisibilidade da imigração das mulheres uma vez que não incluíam categorizações em função do género. Para além disso, o facto da maioria das mulheres trabalharem na economia informal: serviço doméstico, cuidados pessoais, prostituição,...contribuiu para que fossem subestimadas nos dados oficiais.

Em 1973-1974, na sequência da implementação na Europa de políticas de imigração restritivas e do fechamento das fronteiras a novos imigrantes, as mulheres dominaram os fluxos de entrada apesar de continuarem a ser minoritárias em termos de stock de imigrantes (Zlotnik, 1995). Nos círculos políticos e académicos começou a falar-se em feminização da imigração na Europa (Lebon, 1979). Mas vários autores realçam o carácter gradual desta tendência (Golub, Morokvasic, Quiminal, 1997) e o discurso da feminização da migração na Europa pode ser explicado não apenas por um aumento real do

¹ Os resultados integrais deste estudo serão divulgados em publicação posterior do ACIDI.

número de mulheres nos fluxos populacionais mas também pela aceitação do conceito de mulher migrante. A perspectiva feminista presente nos trabalhos de Phizacklea (1983, 1998) e de Morokvasic (1984) revelou-se fundamental para a mudança de mentalidades. Surgiu a consciência de que a imigração não é um fenómeno temporário mas que envolve grupos familiares que se estabelecem no país receptor. A figura da mulher continuou, no entanto, associada à reunificação familiar e não a um actor social e económico (Golub, Morokvasic, Quiminal, 1997; Morokvasic, 1984). Abordagens como as de Chant (1992), Bretell (2000) e Kofman *et al.* (2000) vieram chamar a atenção para a acção individual dos imigrantes, encarando-os como actores sociais activos.

Na década de oitenta começou a emergir o papel activo desempenhado pelas mulheres. Um factor que contribui para a maior visibilidade das mulheres é o facto das migrações não serem mais consideradas como resultantes de uma decisão individual mas como resultante de estratégias familiares e comunitárias (Stark, 1984). Para além disso, o espaço da casa como uma unidade de análise no estudo dos fluxos populacionais conquistou relevância (Grasmuck & Pessar, 1991; Hondangneu-Sotelo, 1991). Ocorreu pois uma mudança da perspectiva individual para a de que são a casa e a comunidade as forças impulsionadoras dos movimentos geográficos. A mulher deixou de ser dependente para passar a ser uma decisora chave no processo migratório.

A feminização da imigração é agora internacional e alguns autores chegaram a considerar a feminização da migração como uma das cinco características que definem a actual era das migrações (Castles & Miller, 1998).

Relatórios como o de Casas & Garson (2005) salientam a feminização dos influxos mais recentes em diversos países entre os quais Portugal.

1.2. Comunidade brasileira em Portugal

Padilla (2005) refere que entre as motivações que levam os brasileiros a procurar Portugal inclui-se a imagem da "velha pátria mãe", os laços histórico-coloniais, a corrente de retorno da emigração portuguesa para o Brasil (dos próprios e dos seus descendentes), o idioma comum, a curiosidade natural em relação a Portugal e à Europa e uma certa familiaridade com a cultura portuguesa. Mas são também factores determinantes o facto de não ser exigido um visto de entrada, a existência de redes sociais que dão apoio ao imigrante - ter amigos, conhecidos ou familiares que facilitam o momento de chegada, a grande diferença de salários entre os dois países, bem como as imagens optimistas transmitidas pelos meios de comunicação social no Brasil, exibindo oportunidades económicas e de emprego em Portugal (ibidem, 2004: 1-2).

Tal como salientado pela autora, os brasileiros como imigrantes não são um grupo novo em Portugal mas durante a última década e, em particular, durante o último quinquénio operou-se uma mudança no perfil do imigrante típico. A primeira vaga de imigrantes era essencialmente constituída por pessoas qualificadas, com predominância para os dentistas, informáticos e publicitários e devido à pressão por eles exercida, a sociedade portuguesa realizou adaptações e mudanças a vários níveis, tais como a reforma da carreira de odontologia ou modernizações no âmbito da publicidade e da informática (Peixoto, 1999). Mas, ainda de acordo com Padilla (2005: 2) a nova vaga de imigrantes apresenta qualificações mais baixas e uma mais limitada inserção sócio-profissional, trabalhando na construção civil, restaurantes, limpezas e comércio.

Os dados provisórios do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) relativos a 2007 (dados mais recentes disponíveis) apontam para 435736 estrangeiros em território nacional, 240096 homens e 195640 mulheres. Os dados indiciam que a comunidade Brasileira é a mais numerosa em Portugal, apresentando um valor de 66354, sendo o número de mulheres Brasileiras (34520) superior ao número de homens Brasileiros (31834).

1.3. Hipóteses

Apesar de se tratar de um estudo de natureza qualitativa, três hipóteses centrais orientaram esta investigação:

Hipótese 1- As dificuldades de integração das mulheres em Portugal relacionam-se com o seu grupo nacional, manifestando as brasileiras menos problemas de integração e as ucranianas mais problemas de integração.²

Hipótese 2- Uma maior ligação ao passado relaciona-se com problemas de integração e com projectos de retorno ao país de origem.

Hipótese 3- A existência de redes de apoio em Portugal está associada a menores dificuldades de integração.

2. Metodologia

No estudo foram realizadas entrevistas semi-directivas a oito mulheres brasileiras. Todas estas mulheres nasceram no Brasil e emigraram para Portugal num dado momento das suas vidas. Todas desenvolvem funções indiferenciadas nas áreas da limpeza e da restauração, não pretendendo este estudo analisar mulheres que fossem representativas da comunidade de mulheres brasileiras residentes em Portugal mas tão só analisar histórias que ajudassem a compreender algumas das dificuldades sentidas por essa mesma comunidade.

Inicialmente foi construído um guião de entrevista que foi posteriormente testado em termos de duração e compreensão das questões com duas mulheres brasileiras, tendo-se procedido a algumas alterações em função do feedback obtido. O guião final é constituído por 12 blocos de questões seguidamente referenciados e tem uma duração prevista de 85m.

² Esta hipótese não será discutida neste texto que apenas se refere aos resultados relativos às mulheres brasileiras.

As mulheres foram sendo contactadas e as entrevistas agendadas, foi-lhes explicitado o objectivo geral do estudo e foram sensibilizadas para a importância de responderem com veracidade, tendo sido salientado que poderiam não responder a questões em relação às quais não se sentissem à vontade. As entrevistas foram integralmente gravadas e transcritas, tendo sido inicialmente solicitado às mulheres autorização para proceder às gravações.

As mulheres que pretendiam anonimato poderiam mantê-lo mas nenhuma das mulheres brasileiras colocou qualquer problema a que o seu nome próprio surgisse nas transcrições. Optámos, no entanto, por apenas incluir os nomes próprios, omitindo os apelidos.

Blocos da entrevista

Bloco 1 - Identificação (5m)

Bloco 2 - Situação anterior ao projecto migratório para Portugal (5m)

Bloco 3 - Projecto migratório em Portugal (10m)

Bloco 4 - Redes migratórias (10m)

Bloco 5 - Situação laboral (10m)

Bloco 6 - Vida familiar (10m)

Bloco 7 - Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem (10 m)

Bloco 8 - Tempos livres (5m)

Bloco 9 - Relação com os portugueses (5m)

Bloco 10 - Satisfação com o projecto migratório (5m)

Bloco 11 - Passado/projectos futuros (10m)

Bloco 12 - Identidade pessoal/social (5m)

3. Resultados

Na tabela 1 são sumarizados os principais dados de cada uma das entrevistadas: nome, idade, naturalidade, estado civil, local de residência, pessoas com quem vive, número de filhos, ocupação profissional, local de trabalho, remuneração, religião, filiação política, grupos desportivos e formação escolar.

Tabela 1 - Caracterização da amostra

	Data	Nome	Idade	Naturalidade	Estado civil	Local de residência	Pessoas com quem vive	Nº de filhos	Ocupação profissional	Local de trabalho	Remuneração	Religião	Filiação política	Grupos desportivos	Formação escolar
Brasileiras															
B1	07/04/08	Erika	27	Minas Gerais	Casada	Corroios	Marido	1	Empregada doméstica	Lisboa, Feijó,...	???	Evangélica	---	---	Primeiro ano do curso de Enfermagem
B2	11/04/08	Taciene	18	Minas Gerais	Casada	Algueirão	Marido	0	Empregada de restaurante	Lisboa	525	Católica	---	---	7ºano
B3	13/04/08	Leila	25	Minas Gerais	Casada	Seixal	Marido	0	Limpezas de empresas	Seixal	460	Católica	---	---	7º ano
B4	19/04/08	Francisca	54	Minas Gerais	Divorciada	Amora	Filha e neta	3	Trabalha num colégio e empregada doméstica	Setúbal	---	Católica	---	---	7º ano
B5	20/04/08	Maria da Glória	42	Minas Gerais	Solteira	Cruz de Pau	Irmã, sobrinha, duas filhas e um filho	3	Trabalha num colégio e faz limpezas num ginásio	Margem Sul		Católica	---	---	2º grau (corresponde ao 11º ano)
B6	06/05/08	Marilza	26	Rodónia	Casada	Cova da Piedade	Marido e filho	1	Empregada de mesa	Lisboa		Católica	---	---	6º ano
B7	30/06/08	Joana	53	Minas Gerais	Casada	Cova da Piedade	Marido e filha	2	Empregada doméstica	Cruz de Pau	500+ passe	Evangélica	---	---	---
B8	31/07/08	Neusa	47	Baía	Casada	Cruz de Pau	Marido e três filhas	3	Empregada doméstica	Cruz de Pau, Corroios e Verdizela	---	Católica	---	---	Curso de Contabilidade (3 anos)

Analisaremos em seguida de uma forma sucinta alguns aspectos da análise das entrevistas. A apresentação será feita seguindo a ordem dos blocos da entrevista.

I. Identificação

Como se pode verificar na tabela 1 as entrevistadas têm idades compreendidas entre os 18 e os 54 anos. Em termos de região de origem, seis das oito entrevistadas são naturais de Minas Gerais, sendo uma do estado da Rodónia e uma da Baía. As estatísticas demonstram que existe uma significativa imigração do estado de Minas Gerais para Portugal. Padilla (2005: 5) refere que os primeiros imigrantes brasileiros tiveram origem em Minas Gerais e especificamente em General Valadares, considerada uma cidade provedora de imigrantes brasileiros para o mundo (Padilla, 2005: 5).

Em relação ao estado civil, seis entrevistadas são casadas, sendo uma divorciada e uma solteira. Residem em diferentes localidades da região da grande Lisboa: uma a norte de Lisboa, uma na zona de Sintra e sete na margem Sul do Tejo. Os seus agregados familiares compreendem entre duas e cinco pessoas. Curioso notar que nenhuma vive sozinha. O número de filhos varia entre zero e três filhos. Seis entrevistadas trabalham nas limpezas e duas em restaurantes. Os locais de trabalho são diversos, todos eles situados na zona da grande Lisboa, estando as remunerações compreendidas entre os 460 e 525 euros mensais. A questão remuneratória é a única questão de toda a entrevista relativamente à qual algumas mulheres manifestam resistência. De facto, quatro mulheres não respondem à questão da remuneração.

Em termos de religião seis têm religião católica e duas religião evangélica. Num caso a imigração levou a uma mudança de religião: Taciene refere: "Tenho...evangélica. Minha mãe é evangélica e então...Quando ela veio para cá passar férias, eu também passei. No Brasil eu era católica. Mudei porque...sei lá, para mim ficou...mais...feliz".

Em alguns casos a imigração tornou as mulheres mais religiosas (no sentido de praticantes): Marilza refere: "Melhorou mais, sei lá, fiquei mais apegada em Deus. Me sentia muito sozinha". Noutras sucede o oposto, a imigração afastou-as da igreja. Erika explica: "Eu sou evangélica mas..., lá no Brasil eu era evangélica, só que ultimamente eu não sou praticante... [Mas porque não tem tempo ou porque está desmotivada?...] Olha... deve ser por estar desmotivada, porque tempo eu tenho, tempo eu tenho! [risos] É importante...mas tem hora que parece que falta uma força assim... tem hora que... não entendo."

Nenhuma das mulheres tem filiação política. Marilza refere: "Não, porque eu não percebo nada...[...] Lá no Brasil, não, lá no Brasil a gente já percebia...o PSB, o PSDB...a gente já percebia um bocado. Aqui não...não".

Nenhuma das mulheres pertence a grupos desportivos mas algumas referem que pertenciam a clubes no Brasil. Francisca refere: "Aqui ainda não. No Brasil era o Cruzeiro, né? Cruzeiro Sporting Clube que tinha como adversário o Atlético Mineiro".

A formação escolar está compreendida entre o 6º ano de escolaridade e o curso de Contabilidade (curso com a duração de três anos), tendo uma das mulheres frequentado o primeiro ano do curso de Enfermagem.

II. Situação anterior ao projecto migratório para Portugal

Para quase todas as mulheres Portugal foi o primeiro país destino do movimento migratório e também para a maioria não existe qualquer projecto de imigração para outro país. Assim, o movimento migratório tendo Portugal por destino revela-se um destino bem circunscrito e definido e não uma etapa de uma trajectória migratória mais ampla.

Com excepção de uma mulher todas as demais trabalhavam no Brasil em actividades diversas, sendo de salientar que duas delas (Erika e Francisca) geriam os seus próprios negócios - padaria e fábrica de lingerie respectivamente. Sete das mulheres (com excepção de Francisca) auferiam no Brasil remunerações inferiores às actuais o que por si só não implica que todas estejam satisfeitas com o que fazem. A insatisfação sentida relaciona-se com o tipo de trabalho que fazem (referimo-nos às mulheres que trabalham em limpezas e não às duas que trabalham em restaurantes e que não referem insatisfação com o tipo de trabalho) e com a *décalage* entre a formação escolar de duas mulheres e o trabalho nas limpezas. Erika e Neusa são precisamente as duas mulheres com habilitações mais elevadas e que referem insatisfação neste aspecto: Erika refere: "Mas o que eu tenho é vontade de estudar, mas não tenho vontade de continuar a limpar casa toda a vida não...[risos], entendeu?... Eu tinha vontade de trabalhar no que gosto, eu gosto de enfermagem".

A insatisfação com o trabalho relaciona-se também com o número de horas de trabalho. Maria da Glória diz: "É o dia todo a trabalhar", mas a média de horas de trabalho (oito horas) não é superior à média de horas de trabalho das portuguesas.

Com excepção de Francisca que imigrou para se juntar aos filhos em Portugal, todas as outras mulheres imigraram em busca de uma melhor situação económica.

III. Projecto migratório em Portugal

Portugal foi escolhido por algumas mulheres pela língua comum e logo pela maior facilidade de comunicação e por influência de familiares que já estavam no país (no caso de Francisca eram os próprios filhos que cá estavam) e que, directa ou indirectamente, incentivaram estas mulheres a deixar o seu país, a atravessar um oceano e a vir para Portugal. Todas se recordam com precisão do dia em que chegaram de avião a este país, data que ficará para sempre marcada nas suas memórias porque não é todos os dias que se decide levar a cabo um projecto dessa envergadura. Marilza é a mulher que está há mais tempo em Portugal - oito anos e Taciene a que está há menos tempo - nove meses no momento da entrevista. Erika fez a viagem sozinha deixando atrás marido e filhos (tendo o marido vindo mais tarde ter com ela), Taciene e Marilza vieram sozinhas mas tinham alguém que as esperava. Leila, Francisca, Joana, Neusa, Maria da Glória vieram acompanhadas. Quase todas contaram com o apoio da família e dos amigos e esse apoio foi fundamental na decisão mas outras não contaram com

esse apoio (caso de Erika). No caso de Marilza a família apoiou mas os amigos não: "É assim, os meus sogros apoiaram. Minha mãe apoiou (que eu só tenho mãe, meu pai é falecido), meus irmãos também [Tem quatro irmãos]. Seis, comigo sete. E a irmã dele [do marido] também apoiou. Mas em termos de amigos, não, ninguém...toda a gente dizia "Vocês são malucos!", "vocês vão caçar chifre em cabeça de cavalo!" (vocês vão à procura de algo que não existe).

Quando chegaram a Portugal todas ficaram na casa de elementos da família que já cá estavam e todas mudaram de casa tendo conseguido viver em casas melhores do que as iniciais: Joana refere: "Agora é mais barato. Um quarto para nós, um quarto para minha filha, a sala, cozinha e casa-de-banho. 'Tou satisfeita com a casa, não tem nada a ver com a primeira situação". Erika, Taciene, Leila e Joana habitam em casas arrendadas mas Leila, Francisca, Maria da Glória e Neusa apesar de inicialmente terem vivido em casas arrendadas, com o tempo conseguiram adquirir casa própria, tendo contraído empréstimos à banca para as adquirir, empréstimos esses que vão sendo pagos com as suas remunerações.

IV. Redes migratórias

Todas as mulheres excepto Erika (que só tinha uma tia em Portugal no momento em que chegou) contaram com uma rede de apoio no país, rede essa essencialmente composta por familiares e em menor número por amigos. Todas entraram no país com um visto turístico de três meses, estando algumas legalizadas e outras ainda em processo de legalização o que faz com que não usufruam de direitos dos cidadãos portugueses como acesso gratuito ao serviço nacional de saúde.

V. Situação laboral

O tempo que demoraram a arranjar trabalho foi diverso, desde situações como a de Marilza que demorou dois dias a arranjar trabalho até a de Erika que demorou muito tempo a encontrar trabalho. Marilza refere: "(...) Eu cheguei e eu tive uma sorte também maravilhosa. Eu cheguei numa sexta-feira e no domingo comecei a trabalhar! Num domingo. Porque também o meu marido já estava aqui e a minha patroa foi ter comigo, perguntar se eu queria mesmo trabalhar no café, como é que era. Então, isso foi uma sorte porque a partir daí... e antes de vencer os meus três meses...que é o direito de ficar aqui, então já consegui o contrato e 'tou livre. Eu tive muita sorte...em tudo, graças a Deus."

Os horários de trabalho não são mais longos do que os da generalidade dos nacionais, rondando as oito horas diárias. Pelo facto de algumas mulheres trabalharem em várias casas alguns horários são variáveis consoante as necessidades semanais das patroas.

Quase todas as mulheres relatam experiências de preconceito, desde preconceito sentido no dia a dia - paragem de autocarro (Francisca), estação dos correios (Francisca), supermercado (Francisca) até preconceito diário no local de trabalho actual (Leila) ou em trabalhos anteriores (Erika) e na escola (Leila). Joana e Neusa referem nunca se terem sentido alvo de preconceito.

Todas, excepto Francisca (cuja principal motivação para imigrar foi o facto dos filhos estarem em Portugal) desempenharam diferentes trabalhos em Portugal, tendo evoluído de trabalhos piores (com remunerações menores, trabalhos mais duros, mais horas de trabalho) para trabalhos melhores em todas estas dimensões ou em algumas delas.

VI. Vida familiar

A questão de quem cuida dos filhos em Portugal apenas se coloca em relação a Maria da Glória e a Marilza que têm filhos pequenos, um ainda bebé e outro com cinco anos. As demais mulheres ou têm os filhos no Brasil (caso de Erika), ou não têm filhos (caso de Taciene e de Leila) ou têm filhos com idades em que já são independentes (Francisca tem filhos adultos, Joana tem uma filha adulta e a mais nova das três filhas de Neusa já tem nove anos). Conciliar uma vida profissional dura com uma vida familiar que implica cuidados a filhos pequenos será particularmente difícil para mulheres imigrantes que nem sempre podem contar com tanta ajuda da família (em que, em geral, todos os membros trabalham) como as outras mulheres mas esta conciliação é igualmente difícil para as mulheres em geral. Apesar das conquistas sociais das mulheres nos últimos anos, continuam a ser as mulheres as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidar dos filhos.

O dinheiro ganho é utilizado para ajudar familiares (caso de Erika, de Taciene e de Marilza), em pagar a casa adquirida em Portugal (Leila, Francisca, Maria da Glória e Marilza) ou no Brasil (Marilza e Joana) ou terreno adquirido no Brasil (Leila). Em alguns casos, depois das despesas do dia a dia pouco ou nenhum dinheiro sobra como é o caso de Maria da Glória e Neusa, as duas com três filhos não adultos.

Para Erika, Taciene, Leila e Marilza os papéis em casa mudaram em resultado da imigração. No Brasil, todas elas trabalhavam mais em casa do que os maridos, verificando-se agora uma divisão de tarefas mais equitativa: Marilza conta: "Lá em casa? Eu fazia tudo, eu tratava dele [marido] como um bebé. Fazia tudo, tudo...dava comida na mão dele, dava toalha na casa de banho, dava tudo. Eu tratava ele muito bem...apesar de trabalhar. E ele até hoje fala que tem saudades daquela época...mas eu disse que agora já não dá [risos]. Quando viemos para Portugal aí sim, metade. Dividimos. Porque...para já, não dava conta, fazer tudo sozinha. Mais uma hora e tal/ duas horas de transportes... e depois chegava em casa e não dava conta. Ele hoje faz! [Mas dividiram metade/metade ou você continua a fazer mais coisas?] É...eu continuo a fazer mais coisas. Mas ele faz, tipo...no domingo eu vou trabalhar e então ele arruma todas as coisas, faz tudo...arruma a casa, eu chego em casa às seis da tarde e já tenho o jantar pronto. [E aos dias de semana?] Durante a semana, faz. Ele ajuda eu às vezes a estender a roupa, a loiça...lava todos os dias....".

VII. Integração na sociedade portuguesa e ligação ao país de origem

Durante a entrevista, as mulheres revelaram dificuldade em compreender o que é estar ou não estar integrado o que é facilmente compreensível atendendo à polissemia do conceito. Procuramos explicitar o termo, falando-lhes de uma integração em termos de pertença, de sentir fazer parte de uma comunidade, conscientes de que esta dimensão mais não é do que uma dimensão subjectiva e pessoal da integração. É interessante analisar os aspectos que estas mulheres evocam para justificarem as suas respostas a esta questão, respostas que, com excepção de Erika, apontam no sentido da integração. Neusa evoca o facto da sua família ter ascendência portuguesa: "Considero sim. Primeiro porque minha família tem descendência portuguesa [risos]. Meu bisavô era português, tanto que meu nome é Neusa Guimarães de Oliveira". Assim, para Neusa a integração numa cultura diferente seria mais fácil atendendo ao facto do seu bisavô ser português e de, por esse facto, essa cultura não ser assim tão distante, ser, de alguma forma, a cultura dos seus antepassados.

As mulheres mantêm hábitos culturais como assistir a novelas brasileiras (este não é, no entanto, um hábito específico do grupo, atendendo a que está enraizado na própria sociedade portuguesa), assistir a canais brasileiros (Rede Globo, Record), acompanhar os telejornais do país. No entanto, todas elas também gostam de se manter informadas sobre o que se passa em Portugal. Em geral não procuram assistir a cinema brasileiro (com excepção de Leila), mas decerto não mantinham esse hábito no Brasil, nem lêem livros de autores brasileiros mas também não os leriam no Brasil. Algumas mulheres pertencem a grupos quase exclusivamente constituídos por brasileiros (Marilza, por exemplo) mas a generalidade integra grupos mistos, que incluem brasileiros e portugueses (Francisca, por exemplo).

Desde que chegaram a Portugal, Marilza, Francisca e Maria da Glória conseguiram ir ao Brasil de férias mas Erika, Leila, Taciene, Joana e Neusa não conseguiram arranjar dinheiro para a viagem.

A comunicação com familiares e amigos é feita preferencialmente via internet, também por telefone e apenas em casos pontuais são utilizados meios mais tradicionais como cartas e postais.

VIII. Tempos livres

Os tempos livres não são condicionados pela nacionalidade e incluem ver televisão, passeios a parques, idas à praia e pequenas viagens pelo país, parecendo, no entanto, diminuto o conhecimento que detêm do país. Algumas mulheres nunca viajaram pelo país e existem diversas zonas visitadas por duas das oito mulheres. Assim Leila (quem mais viajou pelo país) e Marilza conhecem o Algarve, Marilza e Neusa já foram a Fátima, Leila e Marilza foram à Serra da Estrela e Leila e Neusa à Nazaré.

IX. Relação com os Portugueses

A relação com os portugueses é boa, apesar de relatos pontuais de situações de preconceito. Quando solicitadas a comparar portugueses e brasileiros, os aspectos em que encontram mais diferenças são a forma mais brusca dos portugueses de lidar com as pessoas e praticamente todas contam episódios que as surpreenderam/assustaram nos primeiros contactos. Em geral consideram-nos mais stressados: "É assim, eu acho que os portugueses têm...alguns...não são todos...são muito assim...eles são muito stressados, entendeu?" (Neusa).

Algumas mulheres não sabem como os portugueses vêem os brasileiros, outras acham que os portugueses têm uma imagem positiva "Eles gostam da gente! Pelo menos a parte que eu conheço, eles gostam muito da gente." Em alguns casos a relação foi sempre boa, noutros melhorou ao longo do tempo e com a intensificação do contacto.

X. Satisfação com o projecto migratório

Com a excepção de Erika, todas as mulheres estão satisfeitas com a sua decisão de vir para Portugal e se fosse hoje voltariam a tomar a mesma decisão. Este resultado é interessante e demonstra que apesar de todos os problemas sentidos por estas mulheres o projecto imigratório se revelou satisfatório e recompensante.

XI. Passado/projectos futuros

Nem todas as mulheres referem acontecimentos do passado que as tenham marcado. É o caso de Erika e de Taciene. Algumas mulheres evocam acontecimentos negativos do seu passado no Brasil: "Ah, eu tinha oito anos... uma tempestade veio e levou tudo, levou a casa toda... [*Mas não foi nessa altura que o seu pai perdeu tudo?*] Não, ele já tinha perdido... Antigamente [as tempestades tropicais] eram bem piores... [*Às vezes também é a nossa própria percepção das coisas, não é? Quando uma pessoa é criança tem mais medo, não é...*] É, é mesmo. Tem mais medo... Tive muito medo" (Joana). Marilza evoca acontecimentos diversos da sua vida pessoal como o dia em que o pai morreu ou o dia do aniversário em que partiu a cabeça na escola. Leila recorda vitórias de um clube local.

Outras mulheres recordam acontecimentos nacionais como o processo de impeachment de Collor de Melo¹ (Maria da Glória e Francisca).

O Brasil é importante na identidade de algumas mulheres (caso de Taciene), sendo em alguns casos o Brasil entidade mais abstracta, país de pertença e noutras o Brasil como o lugar em que vive a família e nestes casos qualquer outro país poderia ser importante desde que fosse lá que residissem as famílias. Erika refere: "É importante porque a minha família

¹ Fernando Affonso Collor de Mello (Rio de Janeiro, 12 de Agosto de 1949) é um empresário e político brasileiro, actualmente filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro. Foi o trigésimo segundo presidente da República Federativa do Brasil, cargo que exerceu de 15 de Março de 1990 a 29 de Dezembro de 1992. Foi também o primeiro presidente da República eleito por voto directo após o Regime Militar, em 1989. Renunciou ao cargo na tentativa de evitar um processo de impeachment fundamentado em acusações de corrupção.

está lá. Porque se eu não tivesse ninguém lá eu preferia viver aqui. Tem a ver com as relações que tenho lá, não com o país. Se eu não tivesse a minha família, para mim ser brasileira, portuguesa, era indiferente!"

Para outras o Brasil não assume importância: "É assim, é bom ser brasileira por causa do meu jeito assim. Só que pelo meu país não 'tá valendo a pena ser brasileira. Não 'tá valendo a pena. É um país tão grande e tão... mau"(Neusa).

Para algumas mulheres símbolos como o hino e a bandeira são importantes. Francisca refere: "Sou apaixonada pelo nosso hino brasileiro". Para outras mulheres estes símbolos não assumem qualquer relevância:

Não é em geral a recordação do país que ajuda a superar as dificuldades mas a recordação de quem se ama e que se encontra nesse país distante. A maioria das mulheres (com excepção de Erika que é a única que sabe quando regressará: "Ainda este ano. Eu penso no final deste ano...até meados do próximo ano, no máximo" e que é a única mulher que não voltaria a tomar a mesma decisão) não têm um projecto de retorno ao Brasil. De resto, nos casos em que esse projecto existia ele foi significativamente reformulado em termos de data de regresso (caso de Francisca) ou, simplesmente, esquecido.

Todas consideram Portugal como um espaço de oportunidades escolares e profissionais para os filhos e preferível comparativamente ao Brasil.

XII. Identidade pessoal/social

Algumas mulheres consideram que mudaram enquanto pessoas em resultado da imigração. No entanto, outras, como Neusa, consideram que estão iguais.

Leila, Francisca e Neusa sentem-se apenas Brasileiras mas Erika, Taciene, Maria da Glória e Marilza sentem-se em parte brasileiras e em parte portuguesas e Joana não responde directamente a esta questão.

Maria da Glória diz: "Eu sou Brasileira-Portuguesa. Sou Portuguesa de coração e opção. [*É mesmo isso que sente...*] É mesmo isso que eu sinto! Sinto Brasileira e sinto que também faço parte dessa pátria, dessa terra. Tanto que não admito que as pessoas falem mal de Portugal ou mesmo dos portugueses comigo. Defendo. Da mesma forma que quando eu oiço portugueses ou brasileiros falando...eu só falo assim: olha, não generalize uma nação por atitudes de uma ou duas pessoas".

Analisemos agora os resultados à luz das nossas hipóteses de base. Tal como sugerido pela hipótese 2, as mulheres que referem uma maior ligação ao passado, ao país de origem, às memórias são também as que revelam maiores problemas de integração e projectos de retorno ao Brasil e aquelas para quem o passado no país de origem se revela menos significativo, as que mais se consideram integradas, estando provavelmente os comportamentos de aproximação da sociedade de acolhimento fundamentais para a integração relacionados com atitudes favoráveis à integração, ao começo de uma nova vida num país diferente.

Tal como sugerido pela hipótese 3, a existência de redes de apoio em Portugal, independentemente dos elementos que essas redes incluam - familiares ou amigos - está associada a menores dificuldades de integração. As redes funcionam como mecanismos de suporte psicológico e de apoio em aspectos mais concretos - facilitação nos processos burocráticos, nos processos de legalização,... As redes não são certamente o único factor que condiciona a integração mas são um factor de grande relevância.

Apesar dos problemas iniciais de integração e da saudade do Brasil, as mulheres brasileiras desenvolvem ao longo do tempo de permanência em Portugal estratégias de integração na sociedade portuguesa e consideram-se em geral integradas nessa sociedade.

4. Nota conclusiva

Apesar de ainda não estar concluída, esta investigação está a permitir captar o carácter fluido, multidimensional e dinâmico da identidade e identificar zonas de intercepção entre o discurso, o narrado, o contado ao outro - "o que as mulheres narram sobre as suas vidas" e o que elas são, as suas próprias identidades. Tal como muitas referiram no final das entrevistas, a entrevista foi vivenciada como um acontecimento importante, uma oportunidade de recordarem, de darem coerência a um todo, de reencontrarem as suas próprias identidades. Todas elas nos agradeceram apesar de sermos nós a sentirmo-nos agradecidos.

O self surge como um self contado, como uma entidade feita de histórias contadas, como embutido nas histórias que as mulheres narram. Surge a consciência de que existimos como seres emersos numa dimensão temporal, dispersos entre um passado recordado, um presente evanescente e a antecipação do futuro, três momentos intrinsecamente co-articulados.

O acto de contar as histórias pode transformar o tempo natural em tempo especificamente humano. Como Ricoeur (1992) escreve, a narrativa é a forma de ligar "o tempo da alma com o tempo do mundo". Estas histórias podem não ser representativas da comunidade brasileira em Portugal (tanto mais que se referem apenas a mulheres que desenvolvem trabalhos indiferenciados) mas decerto revelarão aspectos importantes dessa comunidade, dado que a comunidade depende da partilha de histórias de pertença e de narrativas sobre o futuro ("becoming").

O domínio da pesquisa biográfica revela-se pleno de potencialidades e de possibilidades de desenvolvimento para a investigação de comunidades migrantes.

Referências bibliográficas

-Borderías, C. & Carrasco, C. (1984). Las mujeres y el trabajo: aproximaciones históricas, sociológicas Y económicas. In C. Borderías; C. Carrasco & C. Alemany (Orgs.), *Las mujeres y el trabajo: rupturas conceptuales*, Madrid: FUHEM.

- Brettell, C.B. (2000). Theorizing migration in anthropology: the social construction of networks, identities, communities and globescapes. In C.B. Brettell & J.F. Hollifield (Eds.). *Migration Theory*. London: Routledge: pp.97-135.
- Casas, L.O. & Garson, J.-P. (2005). *The feminisation of international migration*. Relatório apresentado no OECD and European Commission Seminar, Bruxelas, 26-27 Setembro 2005.
- Castles, S. & Miller, M.J. (1998). Londres: Macmillan.
- Chant, S. (1992). *Selective migration, gender and migration in developing countries*. London: Belhaven Press.
- Connerton, P. (1999). *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta.
- Grasmuck, S. & Pessar, P. (1991). *Between two Islands: Dominican International Migration*. Berkeley: University of California Press.
- Goldman, R. (1992). *Reading ads The Age of Migration socially*. New York: Routledge.
- Golub, A; Morokvasic, M. & Quiminal, C. (1997). Évolution de la production des connaissances sur les femmes immigrées en France, *Migrations Sociétés*, vol. 9, n° 52, Julho-Agosto, pp.19-36.
- Hondangne-Sotelo, P. (1991). Family and Community in the Migration of Mexican undocumented immigrant women. In M.T. Segal; V. Demos & D. Hills. *Ethnic Women: A Multiple Status Reality*. Nova Iorque: General Hall.
- Howard, J. (2000). Social psychology of identities. *Annual Review of Sociology*, 26, pp. 367-393.
- Jenkins, R. (2004). *Social identity*. Londres: Routledge.
- Kofman, E. et al. (2000). Gender and International Migration in Europe: employment, welfare and politics. London and New York: Routledge.
- Lebon, A. (1979). Féminisation de la main-d'oeuvre étrangère. *Hommes et Migrations*, n° 963.
- Malheiros, J. (Org.) (2007). *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Morokvasic, Mirjana (1984). Birds of Passage are also women. *International Migration Review*, 18 (4), winter, pp.886-907.
- Oso Casas, L. & Garson, J. (2005). The Feminisation of International Migration. Paper delivered at the OECD and European Commission Seminar, *Migrant Women and the Labour Market: Diversity and Challenges*, Bruxelas, 26-27 Setembro.
- Oso, L. & Catarino, C. (1996). Femmes chefs de famille et migration. In Bisilliat, J. (Dir.). *Femmes du Sud, chefs de famille*. Paris: Karthala, pp. 73-77.
- Padilla, B. (2005). Redes sociais de los brasileiros recién llegados a Portugal: solidariedad étnica o empatia étnica? *Socius Working Papers*, n°2/2005.
- Peixoto, J. (1999). *A mobilidade internacional dos quadros-Migrações internacionais, quadros e empresas transnacionais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Peixoto, J. et al. (2006). *Mulheres migrantes: Percursos laborais e modos de inserção socioeconómica das imigrantes em Portugal*. Lisboa, relatório final de projecto.
- Phizacklea, A. (1998). Migration and globalization: a feminist perspective. In K. Koser & H. Lutz. *The new migration in Europe: social constructions and social realities*. London: MacMillan.
- Phizacklea, A. (1983). *One way ticket: migration and female labour*. London: Routledge.
- Ricoeur, P. (1992). *Oneself as another*. Chicago: University of Chicago Press.
- Rutherford, J. (Éd.) (1990). *Identity. Community, culture, difference*. Londres: Lawrence & Wishart.
- Stark, O. (1984). Discontinuity and the Theory of International Migration. *Kyklos*, 37(2).
- Weeks, J. (1990). The value of difference. In Rutherford (Éd.). *Identity. Community, culture, difference*. Londres: Lawrence & Wishart, pp. 88-100.
- Zlotnik, H. (1995). The South to North Migration of Woman. *International Migration Review*. Vol. XXIX, n°1, pp. 229-454.
- Zlotnik, H. (2003). The global dimensions of female migration. *Migration Information Source*, 1 Março 2003.

Imigrantes africanos dos PALOP e negros brasileiros: a identidade étnica construída na imprensa de Portugal e do Brasil

Rosângela Borges
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP
rosangelafcb@yahoo.com.br

Resumo: Esta investigação apresenta como principal proposta verificar como é construída não só a identidade étnica dos imigrantes negros africanos dos PALOP e seus descendentes nos jornais portugueses *Público*, *Correio da Manhã* e *O Expresso*, em 2003, 2004 e 2005, como também do negro brasileiro na revista *Raça Brasil* durante o mesmo período. Busca-se também perceber, tanto no caso dos negros brasileiros no Brasil como no dos imigrantes negros africanos dos PALOP em Portugal, embora ambos estejam inseridos em realidades históricas, sociais, políticas, económicas e culturais diversas, quais as recorrências temáticas, as proximidades, as distâncias e as semelhanças encontradas nos discursos dos jornais portugueses e da revista *Raça Brasil*. Na definição desta proposta, a investigação conta sobretudo com as contribuições teóricas de Max Weber, Fredrik Barth, Stuart Hall e Michel Wieviorka, no sentido de captar especificidades do que se define como uma identidade propriamente étnica. A opção metodológica é a abordagem quali-quantitativa por meio da análise de conteúdo e de discurso através da ferramenta computadorizada *Statistical Package for Social Sciences* – SPSS, juntamente com entrevistas com lideranças vinculadas aos imigrantes negros africanos dos PALOP em Portugal e aos negros brasileiros no Brasil para possibilitar a